

EDITORIAL - Fontes, narrativas e outros sertões

O dossiê *Sertão, sertões* se coaduna com um campo pontual de experiência. Mesmo que em tom laboratorial, entende-se que é preciso lançar novos olhares sobre o “sertão” e é justamente o que se busca com os artigos que constituem o presente dossiê. Ora, os sertões não podem ser amalgamados a partir de uma única experiência – um marco histórico e uma espacialidade específica –, pois se acredita ser importante haver um deslocamento das visões que enclausuram os discursos/imagens/representações sobre o “sertão” e o “sertanejo”. Embora partamos de um espaço de experiência, os sertões do Nordeste brasileiro, também se deve considerar que há muitos sertões mundo afora. Daí a necessidade basilar de os estudos situarem os sertões histórica, espacial e subjetivamente.

Nota-se que, nos últimos anos, no âmbito de uma produção historiográfica, tem se expandido a preocupação com estudos voltados para a problemática dos espaços. Com a dinamicidade que é própria da historiografia, a temática dos sertões foi se inserindo neste novo/velho campo de produção, privilegiando uma vastíssima literatura, a exemplo de *Os Sertões d'África* (1880), de Alfredo de Sarmiento; *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha; *Capítulos de História Colonial* (1907), de Capistrano de Abreu; e estudos mais recentes, como *Da Sesmaria ao Minifúndio (um estudo de história regional e local)* (1998), de Erivaldo Fagundes Neves; *A Invenção do Nordeste e outras artes* (1998), de Durval Muniz de Albuquerque Júnior; e *Cidades e Sertões* (2000), de Gilmar Arruda. A verdade é que estamos nos movendo para configurar novas fronteiras na produção do conhecimento histórico pautados por um diálogo que reforça a necessidade de interação entre diferentes pesquisadores, projetos e instituições. Prova disto, são as atividades em curso no âmbito do Grupo de Pesquisa *História dos Sertões*, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus de Caicó.

O presente dossiê surgiu de experiências anteriores junto ao *Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades* quando, em 2014, mudou-se de *História Cultural dos Conceitos* para *Histórias e Memórias dos Sertões* a temática de simpósio temático que, tradicionalmente, oferecemos no evento. Este simpósio temático tem sido uma rica oportunidade para legitimarmos as pretensões de estudos mais aprofundados, resultando em pesquisas que encaram problemáticas ligadas tanto

às visões tradicionais e sacralizadas da noção de sertão quanto àquelas que, sob inspirações de estudos mais recentes, deram corpo a múltiplos sertões, sem perder a vitalidade daquilo que os instiga a desbravar novos campos. Num claro deslocamento das fronteiras, buscou-se flexibilizar os espaços em que sujeitos e tramas entram em cena.

Do mesmo modo, esse dossiê se materializa a partir do trabalho que vem sendo desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa História e Cultura, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras. A partir do GEPHC, vêm se consolidando pesquisas que problematizam o chamado Alto Sertão paraibano enquanto uma espacialidade historicamente construída por distintas experiências e agentes culturais. Isso significa que, percebendo o conceito de cultura em sua polissemia, estamos preocupados em fomentar estudos históricos que questionem uma ainda recorrente naturalização do sertão, em favor de outros tantos sertões aqui possíveis. Portanto, é desse diálogo acadêmico entre pesquisadores e instituições dos sertões norte-rio-grandense e paraibano que ganha corpo o projeto editorial que ora apresentamos.

Através do artigo *Das Trincheiras da Flandres aos Sertões d'África. Percursos geográfico-literários de Augusto Casimiro*, o investigador Sérgio Neto analisa como estudos recentes reacenderam o interesse pela experiência colonial portuguesa e pela sua participação em conflitos mundiais, como a Primeira Guerra Mundial. Neste sentido, o historiador aponta que ainda há uma carência em estudos sobre o perfil biográfico-literário de figuras como Augusto Casimiro (1889-1967) que, sob um ponto de vista privilegiado, inserido no campo (e nas trincheiras), registrou suas leituras do “sertão” e do “sertanejo”, através de memórias, poemas, cartas e outros escritos, no âmbito da experiência colonial portuguesa em África. E neste curso, o autor do artigo aproveita para fazer uma exposição de fundo etimológico sobre o termo “sertão” em suas variantes. Crítico da república portuguesa na fase ditatorial do Estado Novo, Augusto Casimiro teve uma intensa participação nos movimentos literários dos primeiros anos da República (*A Águia, Seara Nova*) e ao longo de sua vida. É de destacar nas suas memórias a avaliação sobre a participação dos soldados portugueses nos campos da Primeira Guerra em Flandres. E, a seguir, o autor analisa os poemas de Augusto Casimiro que revelam suas impressões sobre os sertões angolanos, uma espécie de

"frontier" e, em especial, o arquipélago de Cabo Verde. E mesmo o Oriente não deixou de se fazer presente nos seus escritos.

Mas, outras Áfricas emergem em outros sertões. Com *Formação de comunidades quilombolas no Portal do Sertão da Bahia: um trânsito entre a escravidão e a liberdade no final do século XIX*, Jucélia Bispo dos Santos e Ludmilla Dias da Silva expõem a formação de comunidades quilombolas no eixo do “portal do Sertão” baiano. Na segunda metade do século XIX e inícios do século XX, essa região se tornou uma zona de “refúgio” e “oportunidade” para a população negra que saía do Recôncavo Baiano. O acesso a uma variada tipologia documental permitiu às autoras compulsarem relevantes informações sobre os remanescentes quilombolas da região. O texto inicia com uma discussão sobre o processo de ocupação dos sertões para a cultura da pecuária e sobre o papel dos jesuítas na consolidação inicial da colonização, a dinâmica da ocupação no século XIX, a formação dos diferentes grupos e sujeitos envolvidos no antes e pós-1888, donde o estudo aponta para uma rica abordagem sobre as comunidades quilombolas da região.

Sertões das artes e do gênero. Na sequência, temos o texto *Sertão de Caicó: um breve ensaio sobre homens, currais e bordados. De memórias aos novos temas para o masculino*. Partindo de uma experiência etnográfica, na qual pesquisou a produção dos famosos “bordados de Caicó”, Thais Fernanda Salves de Brito percorre a formação histórica do sertão do Seridó e chama a atenção para as relações sociais e de trabalho ali efetivadas. A perspectiva etnográfica adotada no ensaio é bastante profícua por problematizar uma consolidada memória caicoense: a importância da criação do gado para a formação social e econômica do Seridó, que evidencia a figura do vaqueiro como símbolo desse sertão masculino e viril. Ao mesmo tempo, a autora apresenta o processo de montagem da exposição “Seridó Antigo”, durante a Festa de Sant’Ana de 2008, e destaca os usos que foram feitos desse passado seridoense para organizar e dar sentido à mostra e, conseqüentemente, para orientar as apreensões realizadas por seus espectadores. Por meio dessa exposição, e percebendo o bordado como elemento cultural e econômico importante para a Caicó do presente, Thais Brito nos convida a pensar como essa memória sertaneja vem sendo resignificada cotidianamente, dando espaço para novas relações sociais que redefinem o papel do masculino no sertão, isto é, a hodierna participação de homens na produção dos bordados. Embora exista o que chama de “interdições verbais” à figura do bordador, pelas quais homens jocosa e preconceituosamente associam essa prática a uma

feminização dos sujeitos, conclui-se que as dinâmicas sociais e econômicas contemporâneas estão configurando *novos temas para o masculino* e reenquadrando as memórias dos currais sertanejos de outrora.

Sertões da justiça. No artigo *Quem quer servir à justiça? Os sertões como espaços anacrônicos da civilização*, a historiadora Vanessa Spinosa apresenta uma interessante incursão pelas condições e limitações institucionais para o funcionamento da justiça nos sertões brasileiros durante o segundo Reinado. Para tanto, dialoga com a historiografia sobre o tema e explora como fontes os relatórios de presidente de província, donde há um especial destaque à Província da Paraíba, em função da documentação compulsada. Em sua análise, é possível perceber as imagens que a “justiça” tinha dos sertões e sertanejos e os desafios no sentido de fazer a lei prevalecer. Sertão enquanto múltiplas perspectivas – área distante da corte; área não povoada; povoada por índios; falta de civilização e segurança: justamente faz-se perceber as deficiências e dificuldades das ações e operacionalização da justiça nos sertões.

Sertões da literatura. Dois textos abordam o universo literário de Guimarães Rosa. Propõem a aproximação metodológica entre a literatura e a história para a compreensão do pensamento rosiano. Em sua grandeza narrativa, Guimarães Rosa fez um cuidadoso trabalho com a linguagem para construir representações sobre o sertão, ultrapassando as definições locais atribuídas a esse espaço. Por esse universalismo literário, a narrativa do escritor mineiro é o elemento central do texto produzido por Everton Demétrio, intitulado *Margens da ficção e da história: formas e mediações do sertão em Guimarães Rosa*. Demétrio realiza um diálogo teórico-historiográfico acerca da narrativa para demonstrar seu entendimento de que a narrativa histórica e o ato analítico se misturam – condição interpretativa para ele próprio, diante do projeto literário de Rosa. Só então discorre sobre tais narrativas e as concepções de sertão que elas produzem: lugar onde fato e ficção, realidade e imaginação, memória e esquecimento se entrecruzam. Como resultado, apresenta o sertão rosiano como um entre lugar para o nacional: margem onde a riqueza de experiências, sentidos e deslizamentos literários parecem propor um sertão universal, que fala de cada personagem dos escritos de Guimarães Rosa e, simultaneamente, fala de cada um de nós brasileiros.

Já o segundo texto que trata do sertão de Guimarães Rosa é de autoria de Everton Luís Teixeira, com o título “*O senhor sabe o perigo que é viver*”: *O banditismo social de Eric Hobsbawm*

no sertão de Guimarães Rosa. Embora também aproxime literatura e história, o faz por caminhos teórico-metodológicos distintos. Desenvolve aquilo que nomeou de uma abordagem comparativa-dialética: “uma leitura que tenta, simultaneamente, dar sentido à história pela literatura e à literatura pela escrita histórica”. Isso significa estabelecer um diálogo entre os livros *Bandidos* (1969), de Eric Hobsbawm, e *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, de modo que uma área/livro possa auxiliar na ampliação do entendimento da outra. Nesses termos, Everton Teixeira se utiliza de um vasto conhecimento bibliográfico em torno dos autores citados para apresentar os caminhos interpretativos de cada um. Particularmente, utiliza as categorias desenvolvidas por Eric Hobsbawm em torno do *banditismo social* como possibilidades de expansão do entendimento do universo interpretativo rosiano. Na perspectiva comparatista-dialética de Teixeira, portanto, a narrativa de Guimarães Rosa se amplia nas significações em torno do sertão quando se considera, a partir de Hobsbawm, que os elementos sociais que definem essa espacialidade estão historicamente situados no século XX.

Estes enredos da literatura também são explorados considerando a escrita de José Lins do Rego. No texto *As múltiplas abordagens da obra de Zé Lins*, Maria Thaize Ramos Lira e Vicentina Maria Ramires tematizam a proficuidade do possível diálogo da história com a literatura. Fugindo da já ultrapassada dicotomia real x ficção, no esteio de uma História Cultural, o texto toma como pano de fundo os romances de cunho regionalista do escritor paraibano José Lins do Rego e seu foco na sociedade patriarcal. Convencionada em ciclos, de onde, do ciclo-da-cana, é possível explorar a temática do universo decadente do engenho frente ao processo de modernização e da emergência de novas demandas técnicas, sociais e na relação do universo agrário com o urbano. Embora não seja uma abordagem inédita, as autoras fazem considerações sobre alguns trabalhos recentes e põem em relevo análises sobre a produção de José Lins do Rego.

Sertões em tela. Por sua vez, no artigo *A construção cinematográfica de um cangaço e um sertão presente na ausência em “Baile Perfumado”*, Vitória Azevedo da Fonseca analisa a produção e a narrativa fílmica de *Baile Perfumado* (1996), que inaugurou representações sobre o cangaço por meio de ressignificações históricas acerca da trajetória de Lampião e por meio da redefinição das paisagens naturais que compunham o sertão no cinema nacional. A autora inicia o texto com uma descrição da narrativa do filme, a partir das versões existentes do roteiro que o originou. Ao passo

que realiza essa descrição, procura dialogar com os depoimentos dos produtores de *Baile Perfumado*; com as notícias e informações publicadas sobre o filme; e com a historiografia do cangaço que serviu de base para a construção da narrativa histórica apresentada. Destaca-se o depoimento do historiador Frederico Pernambucano de Mello, especialista no cangaço, que atuou como consultor durante essa produção cinematográfica. É assim que vamos conhecendo os personagens do filme, especialmente Benjamin Abrahão, fotógrafo que percorreu o sertão com o intuito de encontrar o bando de Lampião e de produzir registros visuais sobre esse cangaceiro. Evitando linearidades e explicações detalhadas típicas de filmes históricos, o percurso de Abrahão em sua busca pelos cangaceiros opera com imagens não canônicas sobre o espaço e os homens, compondo uma narrativa visual em que o sertão aparece na fartura dos tons de verde e na qual a ausência de um cangaço estereotipado se faz presente com novos sentidos e explicações. Para Vitória Fonseca, essa peculiaridade representa uma fecunda aliança entre cinema e pesquisa histórica, resultando em novas visualidades e outras possibilidades discursivas para dizer e fazer ver o cangaço e o sertão.

Sertões do urbano. No presente dossiê também apresentamos um importante documento para os estudos sobre o processo de normatização dos espaços. Trata-se do *Código de Posturas, Lei N. 78, de 18 de janeiro de 1928, de Caicó*, documento que foi transcrito e comentado pela historiadora Juciene Batista Félix Andrade. Em seu comentário, a autora discute como este documento pode ser explorado à luz de uma memória topográfica e de uma pedagogia de habitabilidade dos espaços citadinos. Noções importantes para uma análise histórica da dinâmica legal que norteia cada espaço urbano. Assim, a especificidade de uma lei como o Código de Posturas revelará muito daquilo que é mais abrangente, pois as leis seguem os parâmetros nacionais, mas, sobretudo, aquilo que também é específico a cada micro espaço, em termos de costumes e momento histórico.

Integram a edição 39 de *Mneme* os artigos *Peste, seca e disputas políticas saúdam a República na Cidade do Jardim (Jardim do Seridó-RN)*, de Diego Gois; *Teatro Oficina e Nietzsche: o bode ainda canta*, de Francione Carvalho; *Walter Benjamin: aproximações à ideia de aura musical*, de Liliana Aparício; *Pedra da Biblioteca: um sítio arqueológico com inscrições rupestres pré-históricas*, de Luís Carlos Cavalcante e Pablo Rodrigues; *As Plantas e sua simbologia na arte sacra portuguesa dos*

séculos XVI e XVII: um olhar sob a coleção do Museu Nacional de Machado de Castro em Coimbra, de Rooney Figueiredo Pinto; e *Modiano, historiador: a ambiguidade francesa durante a ocupação alemã compreendida na obra Ronda da noite*, de Thiago de Lemos. A revista publica, também, neste número, os Anais do II Colóquio Nacional de Ciências Sociais e Humanas na educação das profissões da saúde, organizados por Mercês de Fátima dos Santos Silva e Lucas Pereira de Melo.

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto – UFCG

Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade – UFRN

Organizadores do Dossiê Sertão, sertões